

A **Liahona** novembre 1980





A Liahona

NOVEMBRO 1980 PBMA0518PO
S. PAULO — BRASIL

A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITE DE SUPERVISAO

M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

EXECUTIVO DO INTERNACIONAL MAGAZINE

M. Russell Ballard
Editor;
Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Connie Wilcox
Seção Infantil
Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DE «A LIAHONA»

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;

Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
Dai Vossa Lealdade ao Senhor, Presidente Spencer W. Kimball
- 4 A Sociedade de Socorro, Hoje, Barbara B. Smith
- 11 Que Todos Saíam Ganhando, Élder Hartman Rector Jr.
- 14 Eu Sabia Que Tinha de Haver Um Registro, Judith Tannery Roiz
- 16 A Milha Milagrosa, Sara Brown Neilson
- 21 Toda Família Precisa de Um Grande Mestre Familiar,
John D. Whetten
- 25 Aventura Missionária na Guatemala, Lynn Tilton e Cordell Andersen
- 32 A Aula de História, Wes Stephenson
- 34 Acalme-se e Ore, April Horman

SEÇÃO INFANTIL

- 1 Uma Noite Familiar Muito Especial, Élder F. Burton Howard
- 4 Elizabeth Chega a Elizabeth, Nancy Garber
- 8 Só Para Divertir

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Novas Unidades no Brasil
- II Ex-Presidente do Brasil Recebe a Visita de Missionárias
- III Exemplos de Dedicção
- V Atualidades
- VI O Dia Em Que Nasci de Novo
- VIII Atividades Comemorativas do Sesquicentenário $\frac{1830}{1980}$
- X O Mais Antigo Membro da Igreja no Estado do Rio de Janeiro
- XII A Serviço da Igreja e da Comunidade
- XIV Escotismo
- XV Entre Nós

Nossa Capa: Os jovens da foto foram os primeiros onze a serem batizados na Fazenda Chulac, na Guatemala, aos 17 de dezembro de 1977. V. o artigo na página 25, "Aventura Missionária na Guatemala". (Fotografia de Cordell M. Andersen).

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 100,00; para o exterior simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 10,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linolettra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Peribeubú, 331, tel. 276-B222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados por redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Red. e Adm., Av. Prof. F. Morato, 2430-A, CEP 05512, tel: PABX 814-2277.

DAI VOSSA LEALDADE AO SENHOR

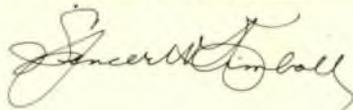
Presidente Spencer W. Kimball

A integridade (o desejo e capacidade de viver segundo nossas crenças e compromissos assumidos) é um dos elementos que alicerçam o bom caráter; e, sem bom caráter ninguém pode esperar viver na presença de Deus aqui ou nas eternidades. Não podemos comprometer nossa integridade prometendo o que não pretendemos cumprir.

Quando não levamos a sério nossos convênios, ferimos nosso ser eterno. Emprego o termo *convênio* propositalmente; trata-se de uma pa-

lavra de conotações sagradas, e desejo usá-la com toda sua força espiritual característica. É muito fácil e até tentador ficarmos justificando nossa conduta, mas o Senhor explica na revelação moderna que "... quando tentamos encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição... os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e... (o homem) é entregue a si mesmo, para recalcitrar contra os aguilhões..." (D&C 121:37-38.)

É claro que podemos escolher; temos o livre arbítrio, mas não po-



demos escapar às conseqüências de nossas escolhas. E se houver um ponto fraco em nosso caráter, é ali que o diabo concentrará seu ataque.

Asseguro-vos que todos os padrões da Igreja, tanto os que dizem respeito à conduta moral, como os que tratam do vestuário e aparência, são o resultado de consideração intensa e fervorosa dos líderes da Igreja. Jovens adultos cuja aparência por si só demonstra que não sentem necessidade de seguir o padrão do mundo — o qual muitas vezes se deleita na imundície, desordem e modas extravagantes — e rapazes e moças que se parecem com homens e mulheres, sem haver sucumbido à tendência unissex, moralmente destrutiva, são pessoas alegres, cuja vida está em ordem, e devotadas a melhorar sua capacidade de servir a Deus e ao semelhante.

Shakespeare nos diz, através de um de seus personagens, Polônio: “A veste sempre te proclama, homem” (Hamlet, ato 1, cena 3). Somos afetados por nossa aparência exterior; representamos papéis. Se estamos com nossa melhor roupa domingueira, sentimo-nos pouco inclinados a agir de forma rude ou violenta; se nos vestimos para o trabalho, prendemo-nos a ele; se nossa roupa é imodesta, somos tentados a agir sem modéstia; se nos vestimos como o sexo oposto, nossa tendência é perder a identidade sexual ou algumas das características que distinguem a missão eterna de nosso sexo. Espero que me não compreendais mal: *não estou dizendo* que devemos julgar os outros pela aparência, porque isso seria ainda pior, uma tolice;

digo que há um relacionamento na maneira como nos vestimos e nos arrumamos e nossa tendência de sentir e agir. Ao instarmos que todos apliquem os padrões, não tencionamos segregar alguns irmãos e irmãs, porque alguns os não conhecem ou entendem. Esses não devem ser rejeitados ou condenados como maus; e sim mais amados, a fim de que possamos fazê-los compreender os riscos que correm e o desserviço que prestam aos ideais a que devem lealdade, caso se afastem dos compromissos assumidos. Esperamos que o descaço, que às vezes vemos, seja mera leviandade e não deliberado.

A perfeição é nosso alvo, mas todos ainda temos um longo caminho a percorrer. Mantende vossa integridade e procurai viver pelo Espírito. Guardai todos os mandamentos, para que vos possais apresentar um dia sem culpa diante de Deus. Dai ao Senhor, neste, e em todos os anos, vossa fé e lealdade, para que ele possa contemplar com prazer o que tendes feito.

Lealdade para com o Senhor engloba lealdade aos líderes por ele escolhidos. Sei que aqueles a quem o Senhor chamou para liderar seus filhos nesta dispensação do tempo recebem inspiração divina. Meu avô assentou-se no primeiro Quorum dos Doze; meu pai serviu como presidente de missão e estaca em uma igreja muito menor que a que temos hoje, e serviu sob cinco presidentes; eu já servi como oficial de estaca e autoridade geral por sessenta e um anos. Essas três vidas abrangem praticamente todo o período da Igreja restaurada; consideradas em conjun-

to, permitiram-nos conhecer com relativa intimidade quase todas as Autoridades Gerais desde a Restauração. Baseado nisso, digo-vos que todos esses líderes foram homens cujas grandiosas realizações ultrapassaram em muito sua capacidade natural, e isso porque o Senhor lhes deu poder de realizar a obra.

E o que digo da influência do Senhor sobre os líderes, digo, também, dos incontáveis milhares de outros em cujos lares estive, cujos testemunhos escutei, e cujas boas obras e serviço altruísta pude ver. Aprendi que onde há um coração piedoso, fome de retidão, abandono dos pecados, e obediência aos mandamentos de Deus, o Senhor derrama sempre mais luz, até que haja um poder que atravessa o véu celeste, e surge um conhecimento maior que o saber do homem. A pessoa com tal retidão tem a promessa incalculável de que, um dia, verá a face do Senhor e saberá que ele é. (v. D&C 93:1).

Geralmente é dado destaque às Autoridades Gerais, e assim deve ser, uma vez que todos temos responsabilidade de orar por elas, para que tenham êxito em seu chamado; mas sei que o Senhor fica igualmente satisfeito com qualquer alma nesta terra que magnifique qualquer chamado, uma vez que acompanha todos, quer sua vida e realizações sejam ou não destacadas. O Presidente J. Reuben Clark Jr. expressou a idéia de maneira simples, porém eloqüente: “No serviço do Senhor, não importa onde você serve, mas como. Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a gente ocupa o lugar para o qual é chamado, o qual

não é nem aspirado nem declinado.” (*Conference Report*, abril de 1951, p. 154; v. também: *A Missão que Recebi do Senhor*, Guia de Estudo Pessoal para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, 1977-78, p. 235). E ele vivia esse preceito. Durante toda minha vida apoiei meus líderes, orei por seu bem-estar. E nesses anos passados tenho sentido um grande poder advindo a mim, das orações dos santos dirigidas aos céus em meu favor.

Sou muito grato pela longanimidade do Senhor. Parece que ele recebe muito pouco em troca do grande investimento que faz em nós. Mas o princípio do arrependimento — de nos erguermos novamente, sempre que caímos, eliminando a poeira e retomando a jornada estrada acima — esse princípio do arrependimento é o alicerce de nossa esperança. É por intermédio dele que o Senhor Jesus Cristo pode operar seu milagre de cura, infundindo-nos força quando somos fracos, saúde quando estamos doentes, esperança quando estamos acabrunhados, amor quando nos sentimos vazios, e entendimento quando buscamos a verdade.

Acima de tudo, declaro que Jesus Cristo é o centro de nossa fé; testifico-vos que ele vive. Ele dirige sua Igreja hoje; escuta nossas orações quando humilde, sincera e incessantemente procuramos conhecer sua vontade, fazendo deste, também, um dia de milagres e de revelação. Presto testemunho de que esta é a verdade, como meu pai e eu, e vossos pais e vós, temos ensinado ao mundo — este evangelho é verdadeiro e divino.

A Sociedade de Socorro, Hoje

Uma conversa com Barbara B. Smith, Presidente Geral da Sociedade de Socorro. Esta entrevista foi realizada pela revista Ensign.



E*nsign*: Irmã Smith, já faz cinco anos que a irmã é a presidente geral da Sociedade de Socorro. Houve modificação em seus pontos de vista quanto a essa organização?

Irmã Smith: Sim, e de duas maneiras. Em primeiro lugar, conscien-

tizei-me ainda mais do grande propósito da Sociedade de Socorro. No início, pensava que a Sociedade de Socorro era uma dádiva do Senhor às mulheres da Igreja. Agora sei que é a dádiva do Senhor a todas as suas filhas, *em todos os lugares*, e que, à medida que as mulheres da Igreja aprenderem e praticarem os princípios do evangelho, serão uma influência benéfica na vida das mulheres em todo o mundo.

Creio que quando o Profeta Joseph Smith disse àquelas irmãs, nos primórdios da Igreja, que “girava a chave” em seu favor e receberiam conhecimento e inteligência do alto, estava preparando as irmãs para uma época de escolhas. Temos mais cultura que nunca antes; temos possibilidade de sermos economicamente independentes, se o desejarmos; temos direito ao voto. Estas vantagens dão-nos a responsabilidade de escolha que as mulheres jamais tiveram antes. Aumentam nossas oportunidades e nossos desafios. À medida que as mulheres se aproveitam dessas bênçãos, devem considerar consciente e fervorosamente suas condições de vida, e exercer seu livre arbítrio assumindo, então, responsabilidade por suas decisões.

Em segundo lugar, encaro o programa de professoras visitantes como algo muito mais amplo do que fazia antes. Anteriormente, considerava-o simples experiência de ensino; agora vejo de quantas maneiras pode contribuir para aliviar problemas sociais, como pobreza, falta de cultura e mau relacionamento entre as pessoas. Vejo o programa de professoras visitantes estimulando e promovendo a irmandade; e é também, o principal meio pelo qual a Sociedade

de Socorro entra em contato com seus membros.

Ensign: Neste segundo aspecto — como o programa das professoras visitantes auxilia nos problemas sociais — o que a irmã tem em mente?

Irmã Smith: Muitas coisas vêm-me à mente. No início da Sociedade de Socorro, as irmãs atendiam às necessidades básicas dos santos, que se coligavam de todo o mundo. Reparavam alimentos, roupas e abrigo. Rumando para o oeste, as irmãs, juntamente com seus maridos, auxiliavam na construção de casas, cultivo da terra árida e no estabelecimento de indústrias e instituições comunitárias. Com o progresso da colonização do oeste, as necessidades mudaram, assim como o atendimento por parte da Sociedade de Socorro.

Hoje em dia existem grandes problemas sociais em nosso meio. Suponho que seja natural a humanidade ter sempre necessidades a serem satisfeitas. A cada dia, tomo mais consciência de que o programa da Sociedade de Socorro, e, especialmente, o de professoras visitantes, foi inspirado, e encontra-se a nosso dispor, para o atendimento de diversas exigências sociais.

Por exemplo, um grande problema, mesmo em nossos centros urbanos, é a solidão. O programa de professoras visitantes, concentrando-se em cada irmã individualmente provê uma resposta prática. Se as irmãs levarem a sério suas designações, farão todo esforço para conhecer aquelas que lhes cabe visitar e cuidar delas com verdadeiro espírito cristão. Encontrarão maneiras de minorar a so-

lidão terrível que algumas pessoas sentem. E mais ainda, incentivarão as solitárias a começarem a cuidar de outras. Os arquivos da Sociedade de Socorro estão repletos de relatórios de pessoas que encontraram a solução de seus próprios problemas procurando ajudar outras pessoas.

Outro problema em que as professoras visitantes ajudam: foi-nos sugerido que uma das causas principais da pobreza é falta de escolaridade básica. Há muitos aspectos do programa da Sociedade de Socorro relacionados com esse problema; entretanto, a pessoa necessitada muitas vezes não pode ou não quer comparecer às reuniões. Por intermédio do programa de professoras visitantes, é possível chegar-se aos lares e dar informações, transmitir conhecimento e persuadir as irmãs a se aproveitarem do excelente programa de estudo oferecido pela Sociedade de Socorro. Muitas irmãs receberam ensinamentos, na Sociedade de Socorro que, de outra sorte, não obteriam.

Nas aulas semanais, a Sociedade de Socorro também pode estimular as irmãs a continuarem a estudar, alimentando-lhes o desejo de autodesenvolvimento. Uma irmã de oitenta anos de idade encontrou motivação suficiente no programa de artes culturais da Sociedade de Socorro para voltar à universidade e adquirir seu mestrado. Outra irmã, internada em casa de repouso, respondeu ao desafio da Sociedade de Socorro, assistindo aulas de curso supletivo pela televisão. Outra irmã, num país em desenvolvimento, batizou-se na Igreja achando que nada poderia fazer; porém, com



Hoje em dia existem grandes problemas sociais em nosso meio...

A cada dia tomo mais consciência de que o programa da Sociedade de Socorro, e, especialmente, o de professoras visitantes, foi inspirado e encontra-se a nosso dispor, para o atendimento de diversas necessidades sociais.

a experiência e encorajamento recebidos na Sociedade de Socorro e de suas professoras visitantes, aprendeu a ler, escrever, e, atualmente, foi chamada como presidente da Sociedade de Socorro de sua unidade.

Ensign: Mães que trabalham fora é outro assunto atual. Quais são seus sentimentos a respeito?

Irmã Smith: Decidir se vai ou não trabalhar fora é algo que diz respeito à mulher. Algumas mães viúvas e divorciadas talvez precisem trabalhar, a fim de se sustentarem e aos filhos. Para algumas mulheres, trabalhar é uma decisão acertada em determinada

época; para outras, não. Não é uma escolha simples. Trata-se de uma área que exige da mulher muita e fervorosa ponderação. É preciso que pese, com cuidado, as vantagens econômicas contra os possíveis efeitos adversos sobre a família, causados por sua ausência do lar. Ela precisa reconhecer suas responsabilidades vitais como esposa e mãe, e perguntar-se como essas tarefas serão afetadas, caso tenha um emprego. É preciso que explore todas as opções e escolha atividades que lhe permitam proporcionar o maior bem àqueles pelos quais tem responsabilidade primordial.

O Presidente Kimball tem aconselhado as mães a esse respeito, e mencionou o assunto nos dois discursos proferidos nos serões para mulheres, transmitidos do Tabernáculo da Cidade do Lago Salgado em 1978 e 1979.

Toda mulher precisa melhorar seus conhecimentos sobre economia doméstica, viver providente e aproveitamento máximo de tudo o que possui. Ela deve aprender a ser uma boa dona de casa. Precisa estudar o melhor meio de proporcionar um clima de amor e desenvolvimento para seu marido, filhos, ela própria e todos aqueles por quem tiver responsabilidade contínua. Ela precisa saber que há recursos na Igreja — como o programa de serviços de bem-estar — disponíveis durante os anos difíceis em que tem bebês para amamentar e crianças pequenas, que precisam ser alimentadas. Após cuidadosa consideração, a mulher deve guiar-se pelo Espírito quanto à decisão correta para seu caso.

Ensign: Que conselho a irmã dá às mulheres que se sentem sobrecarregadas e frustradas por seus múltiplos papéis na vida? (Tal como de esposa, mãe, filha, irmã, membro atuante da Igreja etc.)

Irmã Smith: É importante que as mulheres estabeleçam metas e prioridades, para, então, aprenderem a viver com elas. É preciso que compreendam que suas prioridades podem ser diferentes das de outras pessoas; doutra maneira, sentir-se-ão frustradas. As mulheres precisam trabalhar pelo progresso de sua vida; ao mesmo tempo, devem compreender que seu método e grau de realização não será exatamente o mesmo de outra pessoa. Digo isto às mulheres que procuram comparar-se com outras, em vez de com os padrões que estabeleceram para si próprias. Incentivo-as a orar a fim de estabelecerem suas próprias metas em harmonia com os padrões do evangelho verdadeiro, para que possam encontrar satisfação em seu crescimento e realizações.

Ensign: A irmã tem alguma sugestão específica para se lidar com essa frustração?

Irmã Smith: Nunca é demais dizer que a boa saúde é importante — sono adequado, exercício suficiente e uma dieta equilibrada. Mesmo um cochilo de dez minutos para uma mulher ocupada fará diferença em sua disposição.

Desenvolver bons hábitos de saúde mental. O Presidente Kimball sugeriu um excelente: manter um diário! Quando se encara a vida no simples dia-a-dia, é difícil enxergar as

mudanças. Porém, um diário acrescenta uma perspectiva diferente. Pode-se rever um período de várias semanas ou meses, e encontrar a verdadeira realização. Acho que isto ajuda.

Depois é preciso que compreendamos nossas próprias limitações. Nenhuma mulher sobre a terra pode ser tudo para todos. Eis porque metas são tão importantes — a mulher deve entender que *ela* é capaz de fazer algo, em vez de simplesmente tentar imitar alguém mais.

Ensign: Qual o conselho da irmã para as mulheres que, realmente não têm consciência desse fato? Como poderão obtê-la?

Irmã Smith: Eu gostaria de que houvesse um meio rápido, mas temo tratar-se de uma parte do plano integral de desenvolvimento durante a mortalidade — aprendemos fazendo, tentando, errando e tentando outra vez; adquirimos autoconfiança através das coisas que trazem crescimento espiritual, assim como estudo, oração e revelação pessoal. Não devemos achar que falhamos, simplesmente porque tivemos um dia desencorajador, ou porque não atingimos algumas metas preestabelecidas. Minha sogra organizava cada dia anotando as coisas que faria, por ordem de importância. Ao chegar a noite, avaliava rapidamente o que fizera. Ela possuía tremenda capacidade de realização, mas também tinha grande consciência de si mesma e do que ocorria a sua volta, porque era capaz de distinguir entre o que realmente havia feito e o que achava que deveria estar fazendo.

Em uma de minhas citações favoritas, Brigham Young ensinou ao povo que “não podemos livrar-nos do poder de Satanás; devemos saber o que é ser provado e tentado, pois nenhum homem ou mulher poderá ser exaltado mediante qualquer outro princípio, conforme maravilhosamente exemplificado na vida do Salvador.

“De acordo com a filosofia de nossa religião, entendemos que, se ele não houvesse descido abaixo de todas as coisas, não poderia ter ascendido acima de todas as coisas (v. D&C 88:6).” (*Journal of Discourses*, 3:365.)

Seria terrivelmente limitador para nós, mulheres, se pudéssemos transferir nossos problemas para nosso bispo, nosso marido ou nossos filhos. Podemos ser gratas por nossos dias desencorajadores, pois nos auxiliam a reconhecer os dias de felicidade.

Ensign: Qual é o conselho que a irmã dá às Sociedades de Socorro locais, que lutam com problemas como inatividade, desentendimentos e assim por diante?

Irmã Smith: De fato, recebemos muitas consultas a esse respeito, e eu respondo que as soluções dos problemas surgirão quando as líderes locais se reunirem e falarem a respeito com as irmãs. Se o problema é inatividade, procurem as irmãs que não comparecem e deixem que dêem as razões por que não assistem. Só as próprias inativas sabem as razões. Depois de serem ouvidas — realmente ouvidas — e sentirem a reação das líderes ao que dizem, a solução esta-

rá provavelmente muito próxima. As Sociedades de Socorro locais podem providenciar que as salas de reunião sejam atraentes, as aulas boas, a atmosfera amigável, que reine ali espírito de amor, especialmente para com aquelas que estão sendo integradas ou reativadas.

Ensign: Temos, às vezes, a impressão de que as presidentes da Sociedade de Socorro hesitam em identificar certos problemas e levá-los aos líderes do sacerdócio. Acontece de os líderes do sacerdócio ocasionalmente não darem atenção às necessidades da Sociedade de Socorro?

Irmã Smith: Pode ser que haja esse problema, às vezes. Acho, porém, acontecer mais vezes que nós, da Sociedade de Socorro, não temos consciência do grande potencial de nosso chamado. Nele temos a mordomia de tudo pelo que teremos de prestar contas. A fim de poder cumprir uma designação precisamos compreender o programa e as pessoas. Quando surgem problemas, é muito importante considerar todas as soluções possíveis com muita atenção. Anotem-nas; classifiquem-nas segundo a viabilidade. Façam todo o possível para resolver os problemas. Depois, se houver necessidade de mais ajuda, submetam seus problemas e

No início, pensava que a Sociedade de Socorro era uma dádiva do Senhor às mulheres da Igreja. Agora sei que é a dádiva do Senhor a todas as suas filhas, em todos os lugares. . .

possíveis soluções aos líderes do sacerdócio.

Os conselhos do sacerdócio dos quais a Sociedade de Socorro participa são, também, um meio de solucionar problemas e atender necessidades. Quando a presidente da Sociedade de Socorro comparece a uma reunião de conselho bem preparada, pode contribuir de maneira muito significativa.

Ensign: A irmã acha que as irmãs estão bem representadas, em termos de tomada de decisões?

Irmã Smith: Sim. Se há problemas, é porque nós, mulheres, precisamos ser mais atentas em nossos chamados. Sei quão interessadas estão as Autoridades Gerais. Desejam estar certos de que os pontos de vista da mulher sejam compreendidos.

Ensign: A Igreja anunciou, recentemente, seu novo programa de reunião combinada. Como a irmã acha que ele afeta a Sociedade de Socorro?

Irmã Smith: Minha estaca foi uma das que experimentou o programa piloto, e pude observar um bom efeito na primeira reunião que tivemos. Sentei-me ao lado de uma irmã idosa que se virou para mim e exclamou: "Não é maravilhoso termos todas essas moças conosco?"

As jovens adultas possuem vitalidade; e as mais idosas, sabedoria. Combinadas, vemos uma magnífica mescla de energia e perspectiva. Quando tínhamos grupos separados, não havia esse interrelacionamento.

Ensign: A irmã acredita que o programa de reunião combinada apresentará desafios à Sociedade de Socorro?

Irmã Smith: Sim, e um deles é o tempo limitado. As lições para o ano de 1981 já estão prontas, e foram planejadas para uma hora de instrução. Imagine a ansiedade da professora ao querer comprimir a matéria toda numa aula de meia hora apenas. Penso que a solução seria pedir às irmãs que estudassem antecipadamente a lição, pensassem acerca dos conceitos e de seu significado para elas e, depois, durante a aula, compartilhassem suas idéias. Essa atividade em classe resultaria em maior aproximação entre todas.

Ensign: Nem todas as irmãs estarão na Sociedade de Socorro. Algumas estarão com as Moças, Primária e o berçário.

Irmã Smith: É verdade. Mas creio que ajudaria se essas designações fossem em sistema de rodízio, de modo que as irmãs pudessem comparecer à Sociedade de Socorro parte do tempo.

Ensign: Com essa concentração de reuniões no domingo, o que acontece com as reuniões de economia doméstica?

Irmã Smith: O sábado de manhã talvez seja um horário ideal. Entretanto, os líderes locais decidirão o melhor horário para a reunião de economia doméstica, uma vez que conhecem melhor as condições de sua unidade.

Ensign: Ocasionalmente, algumas irmãs acham o livro de lições da So-

cidade de Socorro muito rígido, a ponto de impedir debates e manifestações da classe. O que a irmã tem a dizer sobre isso?

Irmã Smith: O livro de lições é imprescindível. Toda irmã tem o direito de saber que, ao frequentar a Sociedade de Socorro, recebe aulas revisadas pelo Comitê de Correlação. O livro de lições é um meio de cumprir a admoestação do Senhor de sermos “um” (D&C 38:27) e de levar as irmãs a um elevado nível de conhecimento espiritual, de economia doméstica, refinamento cultural, educação maternal e relações sociais. Mas gostaria de que as pessoas vissem o que vai além da aula, quando as irmãs, criativamente, aplicam os princípios a sua vida. Há uma imensa gama de opções possíveis para a mulher, individualmente, enriquecer e enaltecer sua vida, praticando as sugestões das aulas.

Ensign: Em suma, o que lhe aconteceu, pessoalmente, nestes últimos cinco anos?

Irmã Smith: Uma das coisas de que me não havia dado conta, é o tipo de apoio que precisaria da parte de minha família. Não tenho palavras

para descrever o quanto sou grata a meu marido por seu incentivo constante, e a meus filhos, por sua boa vontade em contentar-se com momentos esparsos do meu tempo.

E, é claro, quão grata sou pelo apoio que tenho sentido do Senhor. Recentemente assistimos, em nossa ala, ao filme *Janelas do Céu*. Enquanto via o Presidente Lorenzo Snow implorando uma resposta do Senhor a sua oração, e, finalmente, regozijando-se, agradecido, pela manifestação recebida, chorei. Eu, pessoalmente, já estive em situações assim, e senti que o Senhor respondeu a minhas perguntas. No dia em que fui apoiada na conferência da Sociedade de Socorro, em outubro de 1974, senti-me fortalecida, espiritual e emocionalmente, pelas palavras de um hino, que me vieram espontaneamente à idéia: “E quando torrentes tiverdes que passar... seus santos queridos virá resgatar”. (*Hinos*, n.º 49). Saber que receberia ajuda quando tivesse problemas, sentir segurança, tão claramente quanto sentir um toque ou ouvir um som... Como posso descrever isso? E como poderia prosseguir sem isso?

A LIAHONA DE NOVEMBRO

Só existe esta universidade no gênero, no mundo — uma escola onde estudantes surdos e surdos-cegos estudam junto com outros alunos. E o Instituto de Religião (SUD) da Universidade do Estado da Califórnia em Northridge é único também. Nesse Instituto há classes de estudantes surdos, que se misturam e aprendem com os outros alunos. Ali a obra missionária é parte importante do programa do Instituto — particularmente a obra missionária entre as pessoas surdas.

“Aprendemos melhor, recebendo instrução junto com alunos que não têm deficiência de audição e convivendo com eles” diz a estudante Diane Russo, de Palo Alto, Califórnia.

Uma classe para alunos surdos foi iniciada em 1972. Agora há três classes. Muitos surdos adultos da comunidade frequentam uma das classes à noite. Na Escola Riverside para Surdos foi inaugurada uma classe para surdos. O Ramo de Fullerton começou um programa do Seminário no Lar para Surdos.

“O Instituto ajudou muito meu crescimento espiritual, porque me deu paz de espírito e uma perspectiva otimista. Ganhei sabedoria de que necessitava para dirigir minha vida pelos ensinamentos do evangelho, que me inspiraram a aproveitar melhor meus estudos na Universidade Estadual da Califórnia em Northridge.”

O bispo de uma ala para surdos foi instrumento na conversão de cerca de 150 surdos em vinte anos.

Estudantes do Instituto — surdos ou não — são ativos na obra missionária. Acham importante trazer não-membros ao Instituto. Acreditam que a surdez os preparou para aceitar o evangelho. Muitos estudantes do Instituto Northridge são surdos e reconhecem as bênçãos que podem vir do desafio da surdez e deram testemunho da transformação que o evangelho causou em sua vida.

Felicidade não é simplesmente prazer — é, mais que tudo, vitória. Todos gostam de vencer. Eu, certamente que sim. Acredito que viemos aqui para ganhar e que venceremos, se nos conservarmos próximos ao Senhor. É fato consumado que ele não é um perdedor.

Quando enfrentamos tentações ou conflitos capazes de abalar nossa proximidade com o Senhor, não podemos aceitar a derrota. Nem sequer comprometer-nos.

Mas algumas coisas são tão insignificantes que não faz diferença se ganhamos ou perdemos. Abraham Lincoln (16.º Presidente dos Estados Unidos da América, 1809-1865) teria

dito que alegremente entregaria a seu oponente nove pontos de dez, se o décimo fosse realmente o ponto importante. Há grande sabedoria nisso.

No curso normal das relações humanas, existe necessidade constante de concessões mútuas. Viver em sociedade significa ceder muitas vezes. Ninguém pode ganhar sempre.

Uma vez porém que vencer é tão importante, a pessoa arguta cuidará de que seu marido ou esposa e filhos vençam sempre.

Tempos atrás, uma jovem mãe de quatro filhos procurou-me por recomendação de seu bispo. Ela abandonara o marido havia dois meses.

Enquanto falávamos sobre seus

“Que todos Saiam Ganhando!”

Elder Hartman Rector Jr.
do Primeiro Quorum dos Setenta



motivos para abandonar o marido, parecia-me óbvio que ela o amava muito e que ele lhe era fiel. Mas ele esperava que ela fosse perfeita em todos os aspectos do relacionamento. Não tolerava suas fraquezas e nunca lhe permitia vencer uma argumentação. Se parecia que ela ia vencer, ele tratava de impedi-lo — mesmo empregando violência física, se necessário.

Conversei, então, com o marido, que passou duas horas explicando-me o quanto amava sua esposa. Confessou que a agredira. Sabia que estava errado e lamentava muito o que fizera. Mas agora estava arrependido; estava certo de que nunca mais a maltrataria e queria uma oportunidade de endireitar as coisas.

Parecia sincero, mas isto não bastava. Senti que ele precisava ir um pouco além em seu compromisso para com um princípio muito importante na edificação de relacionamentos eternos. Então falamos a respeito de deixar outros vencerem algumas vezes.

Admitiu que sempre quis as coisas a sua maneira, e que ficava impaciente com a esposa sempre que esta fazia as coisas de forma diferente. Tentei ajudá-lo a entender que não precisava ser *sempre* o vencedor, todas as vezes, em qualquer coisinha. Em vez de sempre tentar provar que estava certo, devia convidar a esposa a compartilhar suas idéias, a fim de que ambos chegassem a uma conclusão mútua satisfatória. Dessa maneira, *ambos* seriam vencedores. Disse-

lhe que ela precisava de liberdade para tomar algumas decisões próprias sem medo de ser ridicularizada ou criticada. Ele concordou em tentar.

Não lhe foi fácil, estou certo. O hábito enraizado havia anos não se modificaria da noite para o dia. Mas ambos, gradativamente, conseguiram.

Este princípio é, também, extremamente vital para um bom relacionamento entre os adolescentes e seus pais.

Existem algumas regras que simplesmente não podem ser quebradas, algumas leis que se não pode violar. Mas há, por outro lado, algumas coisas que não são assim *tão* importantes. Acredito que se deve deixar os filhos ganhar quando suas escolhas não tiverem conseqüências eternas. Isto é sobremaneira importante para criar uma atmosfera de amor, união e compreensão mútua o que permitirá que o Espírito do Senhor Jesus Cristo floresça em nosso lar.

Meus filhos mais velhos, por exemplo, que eram adolescentes na época em que o conjunto musical "The Beatles" estava em evidência, desejavam seguir as modas da época. Ora, eu não gosto dessas excentricidades passageiras, nunca gostei e, provavelmente, jamais gostarei. Mas decidi deixá-los vencer — com moderação. Por quê? Porque senti que eu estava ganhando nas áreas que *realmente* importavam. Meus filhos podiam ser considerados "bons meninos". Assistiam ao seminário diário (às 6h25 da manhã), compareciam regularmente

às reuniões da Igreja, pagavam o dízimo, saíam-se bem no escotismo, tiravam notas acima da média na escola, serviam como companheiros de mestres familiares, eram fiéis a suas designações no sacerdócio e cumpriam todos os deveres domésticos.

A única coisa negativa de que desejavam participar, em minha opinião, eram algumas tendências da moda. Comparada com o que de certo faziam, ou pelo menos, satisfatoriamente, era, a meu ver, insignificante.

Acaso isso os corrompeu? Decerto que não. Porque, ao mesmo tempo, faziam todas as coisas importantes. Os dois garotos mais velhos cumpriram missão de tempo integral e ainda parecem missionários, vários anos após o regresso.

Ora, alguns pais talvez questionem o fato de eu haver cedido a um modismo passageiro — alguns certamente o fizeram, na ocasião. É o ponto de vista deles; talvez achem que esse seja um dos assuntos em que não pode haver concessão. Eu pensava e penso de modo diferente. Defendo a idéia de que os pais devem decidir quais as coisas que não importam muito e assim, deixar seus filhos vencer, às vezes.

Eis uma lista de algumas outras coisas que minha esposa e eu consideramos de pouca relevância, embora nossos adolescentes apreciem: escolher os amigos, sentirem-se à

vontade para convidá-los para vir a nossa casa e atividades e reuniões da Igreja, ficar acordados até tarde quando não há aula no dia seguinte, decorar os dormitórios, usar coisas da moda (na medida em que conservem a modéstia), tocar música moderna com volume alto, e outras coisas às vezes tolas. É claro que a vida seria muito mais fácil para nós, pais, se eles não quisessem fazer tais coisas, e nós esperamos que se mantenham dentro de limites razoáveis em todas essas áreas, para que não tenhamos que repreender, implorar e restringi-los constantemente. Mas decidimos que não faríamos tempestade em copo d'água porque essas coisas realmente não valem a pena.

Todos precisam resistir à tentação de procurar coisinhas irritantes que seria melhor ignorar. Se seu marido ou esposa não faz as coisas exatamente como e quando você acha que deveriam ser feitas, será que realmente importa? Calma! Diga algo de bom, positivo ou até elogio. Muitas pessoas sentem-se diminuídas, frustradas devido a atitudes de superioridade do cônjuge e suas constantes alfinetadas, reprimendas e reclamações. Uma atmosfera de aceitação e amor estimula o crescimento.

Vencer é importante para todos. Assim sendo, deixe que seu cônjuge e filhos vençam, também, às vezes. O amor, união e harmonia resultantes farão com que, no fim, todos sejam vencedores.

Não sei exatamente quando comecei a crer que deveria haver alguns escritos religiosos entre os antigos povos das Américas. Mas um dia, após anos de pesquisa religiosa, minha crença lá estava.

Desde minha infância freqüentei uma seita protestante; porém, quando adolescente rejeitei a idéia que me ensinaram a respeito do que parecia ser um Deus vingativo, odioso. Assim, iniciei um estudo de cinco anos, como autodidata, baseada na Bíblia, em busca da verdade. Este livro, achava eu, mostrar-me-ia com clareza, os princípios da igreja verdadeira.

Eu Sabia Que Tinha de Haver um Registro

Judith Tannery Roiz



Pesquisei muito, também, na biblioteca local, examinando livros que eu julgava capazes de responder minha difícil pergunta: "Quais são as propriedades físicas e espirituais da igreja verdadeira?" Esta questão era como um grande quebra-cabeças, e cada parte da resposta que ia encontrando era outro pedaço da solução final. Era-me importante encontrar esses pedaços, porque eu queria ser capaz de reconhecer a igreja verdadeira ao encontrá-la. Procurei pessoas interessadas em ciências, história, religião, o sobrenatural; conversei e estudei com elas.

Por alguma razão, intrigava-me o estudo de antigas civilizações. As pirâmides do Egito e da América eram fascinantes! Como os maias desenvolveram seu calendário? De onde vieram os incas? Colombo foi, de fato, o primeiro homem a chegar às Américas? Havia muitas evidências de que houvera viagens entre o Velho e o Novo Mundo antes de Colombo.

Após ler muitos escritos antigos sobre história e religião, comecei a crer que Cristo não limitara sua visita terrena ao povo judeu. E, por estranho que pareça, o povo que começou a me fascinar foi o que vivera na antiga América. Aos poucos, comecei a acreditar que deveria haver o que chamei, por falta de um melhor título, de "Bíblia Sul Americana".

Ainda assim não conseguia encontrar muitos dos escritos desse povo. Os espanhóis destruíram todas as grandes bibliotecas ao conquistarem as terras da América. Era intrigante.

pensava eu, os incas receberem Cortez como o grande Deus branco que deveria vir do leste!

Quase ao cabo de meus cinco anos de pesquisa, após todos os estudos, elaborara uma lista do que considerava serem alguns dos princípios da Igreja verdadeira. Em primeiro lugar, ela deveria ensinar que Deus, o Pai, é um Deus de amor; depois, que o Espírito Santo deve ser parte ativa da fé; a igreja deveria ter condições de curar os enfermos e aliviar os aflitos; deveria haver crença na vida após a morte; deveria haver o dom da profecia; deveria haver explicações lógicas para o livro de Apocalipse; deveria haver crença nas Dez Tribos perdidas e esperança em seu regresso; deveria ensinar que as verdades científicas e religiosas se complementam; deveria haver crença na vida em outros planetas; e assim por diante.

Nessa época, certa de que grande parte da verdade religiosa se perdera da Bíblia que possuíamos, decidi concentrar-me nas civilizações inca, maia e asteca. Convenci-me de que encontraria a chave para a verdade, se conseguisse decifrar sua linguagem. Por que iria eu empreender essa tentativa quando muitos sábios já haviam trabalhado nisso durante séculos, não sei; entretanto, adquirir dois livros: um sobre línguas perdidas e outro sobre línguas antigas, e comecei a estudar os hieróglifos egípcios. Acho que, a essa altura, o Senhor decidiu ter pena de mim.

Enquanto estudava e anotava o que considerava serem as características da “igreja verdadeira”, comecei a discutir esses conceitos com uma amiga minha. Quando começava a falar de um princípio que “minha” igreja deveria ter, ela sempre respondia: “Bem, é isso que os mórmons crêem”, ou “Isso parece doutrina mórmon”.

De algum modo, em toda minha pesquisa, nunca tivera contato com a fé mórmon. Após algumas semanas, todavia, pedi-lhe Doutrina e Convênios emprestado, para ler. Li esse livro fascinante em uma noite, e prosaguei com *Regras de Fé*, de James E. Talmage. A seguir, telefonei a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e solicitei que me enviassem os missionários.

Seus ensinamentos não eram novidade para mim. Aprendi a crer nessas coisas, preceito por preceito, durante os longos anos de minha pesquisa. Quando o missionário que me entrevistou para o batismo leu de terceiro Néfi, capítulo dezessete, e concluiu com a bela passagem de Cristo abençoando as criancinhas, eu, com lágrimas nos olhos e um nó na garganta, pude dizer: “Eu sabia, eu sabia! Eu sabia que Cristo viera às Américas!”

Eu encontrara minha antiga Bíblia Americana.

Judith T. Roiz, mãe de quatro filhos e dona de casa, é membro ativo da Ala Cypress, Estaca Houston Texas Norte.

A MILHA MILAGROSA

Sara Brown Neilson



Visitar esta casa é, certamente, uma perda de tempo, — comentou minha companheira de visitas, ao batermos à porta desgastada pela intempérie de uma casinhola de fundos. — Nunca há ninguém.

Olhei para ela e meneei a cabeça, concordando, enquanto a tinta que descascava se prendia aos nós de meus dedos, a cada batida; mas nós insistimos, esperançosas de que dessa vez seria diferente. Não foi e, finalmente, voltamos pelo caminho coberto de mato alto até a rua.

— Bem, realmente andamos a segunda milha, *tentando* visitar essa mulher, — disse eu, enquanto entrávamos no carro. — Localizar seu endereço já foi uma tarefa e tanto.

A moradia acanhada ficava escondida, ao se passar na rua, por uma casa maior à frente. Fora difícil encontrá-la, quando fizemos nossa primeira visita, seis meses antes. Uma mudança nos limites geográficos da ala trouxera algumas famílias novas de outra unidade para a nossa e esta visita fora acrescentada ao nosso distrito. Quando o endereço nos pareceu incorreto insistimos, e após pararmos em dois postos de gasolina e perguntarmos em várias casas da vizinhança, finalmente descobrimos a picada encoberta pelo mato, que dava na casinha. Essa descoberta, porém, deu em nada.

Judy Kearn era a irmã que devíamos visitar, e ela não tinha telefone. A ficha de membro informava que fora batizada havia três anos. Tratava-se de um membro inativo, e al-

guém informou que tinha dois filhos pequenos que sustentava.

A cada visita deixávamos um bilhetinho amável, pedindo-lhe que nos telefonasse, mas ela nunca o fez. Deixamos até algumas frutas à porta, certa vez, e também passamos lá num fim de semana, mas nunca havia ninguém.

“Mais um caso perdido”, pensei, enquanto dirigia meu carro de volta para casa; minha consciência, entretanto, importunava-me. Será que andáramos, *realmente*, a segunda milha?

Pelos padrões do evangelho, lembra-me eu, não era simplesmente cumprir uma designação, mas sim, esforçar-se o bastante para conseguir sucesso. É verdade, havíamos feito esforços para caminhar a segunda milha, mas andáramos apenas uns poucos passos, alguns metros.

Naquela noite, após quatro telefonemas, consegui localizar a professora visitante anterior de Judy, na outra ala. A informação que me transmitiu era vaga. Forneceu-me um número telefônico da vizinha. Enquanto discava, comecei a animar-me, para, logo depois, desapontar-me outra vez: “Não está em casa. Não sei a que horas volta”.

Certo dia, a caminho de casa, após uma consulta com o dentista, veio-me à mente a idéia de que Judy, também, estaria voltando para casa. Já era tarde, o final de um dia de trabalho, e ela deveria ir para casa, de vez em quando. Será que se ofenderia com uma visita em hora tão inconveniente? Manobrei o carro e

segui em direção ao seu endereço. Resolvi-me a arriscar a sorte. Estacionei o carro junto à picada e caminhei até a casa. O que parecia ser um abrigo de automóvel continuava vazio. Voltei ao meu carro e decidi esperar. Após vinte e cinco minutos já estava apreensiva, pensando em minha família, que também chegaria em casa e não saberia onde estavam mamãe e o aroma do jantar.

Mais quinze minutos, e já estava a ponto de desistir, quando um velho Volkswagen entrou à esquerda, seguiu pela picada rumo à casinha e finalmente parou. Saí de meu carro e caminhei apressadamente pela picada e, no que pensei ser um abrigo de carro, lá estava o Volkswagen. Judy já havia descido as crianças e procurava a chave da casa na bolsa, quando comecei a explicar quem eu era e a expressar minha satisfação por, finalmente, havê-la encontrado. Ela respondeu um tanto friamente, com atitude desinteressada, mas minha conversa amistosa venceu e ela convidou-me a entrar em sua saleta de visitas.

De início concentrei minha atenção no casazinho de filhos, que me mostraram os desenhos feitos na escola maternal e descreveram, pormenorizadamente, o arranhão do joelho de Gary, protegido por ataduras. Isso deu a Judy uma oportunidade de se acalmar um pouco e observar-me. Aos poucos, foi-se abrindo ao ver meu interesse por seus filhos, e, hesitante, começou a contar-me algumas de suas dificuldades para protegê-los das conseqüências de um casamento desfeito. Disse-me que o ma-

rido a abandonara, juntamente com os filhos, a fim de encontrar o que denominava sua "liberdade pessoal". Na luta pela sobrevivência começou a trabalhar, porém com salário muito baixo, e a freqüentar a escola noturna, para futuramente conseguir um emprego melhor. Colocou as crianças em uma escola católica e freqüentava as missas ali. Não importava muito onde freqüentassem uma igreja, desde que fossem a alguma, disse ela.

Demorei-me pouco tempo, mas já estabelecera um relacionamento e marcara uma hora no seu dia de folga. Junto à porta, encarei-a e prestei-lhe meu testemunho da veracidade do evangelho, e implorei-lhe que não deixasse os filhos sem a oportunidade de participar de sua beleza. Seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto lhe apertei a mão e saí.

Ansiosa em dar mais um passo na segunda milha, tentei comunicar-me com o mestre familiar de Judy. Após mais três telefonemas na tentativa de localizar alguém com a última lista de designações, descobri que o secretário executivo da ala era a pessoa certa a procurar. Não estava em casa quando lhe telefonei, e após várias tentativas naquela noite, desisti.

Duas noites depois tentei outra vez, só para descobrir que a lista ficara na igreja, e que eu deveria telefonar para o secretário da ala, dali algumas noites, a fim de obter a informação. Telefonei, conforme sugerido, mas ninguém atendeu, e comecei a pensar se *seria*, de fato, importante, entrar em contato com o mestre familiar.

Minha companheira de visitas ficou entusiasmada quando soube que eu conseguira marcar uma hora com Judy, e mostrou-se ainda mais animada no dia em que nos encaminhamos para a casinha de fundos. Judy já estava esperando por nós e recebeu, agradecida, o bolo, ainda quente, que assáramos para ela. A primeira parte de nossa visita foi agradável e tranqüila, mas então Judy começou a nos falar de seus temores e preocupações com os filhos, seu senso de desajustamento, e a agonia das dificuldades financeiras. Mostramo-nos simpáticas e a consolamos, mas eu sabia que muito mais havia para fazer. À porta perguntei-lhe quem era seu mestre familiar, e ela nos disse que nunca fora visitada, desde que se mudara para nossa ala. Fiquei indignada! Como seis meses podiam ter passado sem ela ser designada a alguém?

Domingo pela manhã cheguei cedo à Igreja, a fim de falar com o secretário-executivo. Investigando, descobrimos que Ray Greer, um élder dedicado e responsável, era o mestre familiar designado a visitar Judy. Senti-me intrigada e tentei localizá-lo na Igreja, quando me informaram que estava de férias, durante duas semanas. Fiquei estupefata ao ver tantos obstáculos à milha extra que tentava caminhar, mas determinei-me a não deixá-los impedir-me. Tendo isso em mente, entrei em contato com Ray no dia em que regressou. Ao despedir-lhe minhas perguntas, olhou-me todo confuso. Nada sabia de Judy Kearn, nem de uma designação para ser seu mestre familiar; e logo descobrimos que houvera obstrução dos canais de comunicação em algum lu-

gar. Dei-lhe o telefone da vizinha de Judy, algumas anotações que fizera, e disse-lhe de minha urgente preocupação com ela. Ele agradeceu-me a ajuda e mostrou-se ansioso de corrigir a situação.

Em poucas semanas a milha extra transformou-se na milha milagrosa. Foi o milagre do plano organizado por Deus em funcionamento, o milagre de homens dedicados honrando seu sacerdócio, o milagre de mulheres interessadas. Foi emocionante ver todo o processo em pleno funcionamento, ver as pessoas ansiosamente seguindo os programas estabelecidos pelo Senhor. Foi emocionante saber que eu pertencia a sua Igreja.

Ray não apenas visitou Judy imediatamente, mas também a convidou para que fosse jantar e participar de uma noite familiar em sua casa naquela semana. Nessa oportunidade as crianças se conheceram, e logo Judy pôde desfrutar do interesse sincero da esposa de Ray, que se ofereceu para ir apanhá-la com as crianças para as reuniões de domingo. Judy hesitou um pouco, mas as crianças mostraram-se entusiasmadas e ela finalmente concordou.

Voltar à Igreja deu a Judy uma nova consciência da importância do evangelho restaurado e, antes de sair, já conhecera o bispo, falara com a presidente da Sociedade de Socorro, e concordara em deixar que uma das oficiais da Primária apanhasse seus filhos em casa para uma atividade das crianças no sábado seguinte. Quando soube que Judy estava para concluir seu curso de secretária, o bispo logo se preocupou a respeito de

um emprego melhor, e pediu ao diretor de empregos da ala que começasse a procurar uma vaga para ela. Quando se diplomou, já havia três entrevistas aguardando. Três empregos lhe foram oferecidos e ela escolheu o de salário e condições mais compensadores.

Poucas semanas depois a presidente da Sociedade de Socorro visitou Judy e pediu-lhe que fizesse uma palestra às irmãs a respeito de escolas noturnas e cursos disponíveis. Judy aceitou e descobriu que, na ala, havia muitas irmãs em situação semelhante à sua, que precisavam trabalhar, e tinham problemas iguais aos seus. Tornou-se uma cooperadora leal da Sociedade de Socorro. Então o bispo decidiu que era hora de dar-lhe um cargo na Igreja. A Primária parecia ser a organização mais adequada, e Judy logo se destacou como professora.

Ray Greer, que se concentrara em conseguir uma casa melhor para ela morar, dentro dos limites da ala, finalmente descobriu uma. Os élderes fizeram a mudança, as irmãs da Sociedade de Socorro revestiram as prateleiras com papel, e os oficiais da Escola Dominical providenciaram comida a fim de transformarem o acontecimento numa festa. Judy conseguiu cativar muitas pessoas e era parte vital de nossa ala.

No domingo de jejum, quando Judy se levantou para prestar testemu-

nho pela primeira vez, a congregação mostrava-se particularmente reverente e todos escutaram com atenção. Ela humildemente reconheceu sua nova segurança no conhecimento de que o Senhor andava a seu lado e que o evangelho dele lhe trouxera a serenidade necessária para vencer seus temores e desajustes. Lágrimas de gratidão fluíram enquanto expressava seu amor por todos os que a haviam auxiliado a reerguer sua vida. Ao terminar, quase todos nós procurávamos o lenço e tínhamos a sensação de uma vitória comum. Enxugando os olhos, extasiei-me ante o maravilhoso processo que causara a transformação de Judy. E eu sabia, por incrível que pareça, que tudo começara com alguns poucos esforços de caminhar a segunda milha em minha designação de professora visitante.

Compreendi, naquele dia, claramente, que, por mais insignificantes que nos sintamos no serviço de Deus, todos nós, sem exceção, temos a capacidade de fazer funcionar o seu grandioso plano, de pôr em operação um poder maravilhoso que modifica e edifica vidas, de prover energia para um serviço dedicado e vibrante. Mas esse tremendo potencial só se move quando *nós* criamos a oportunidade, quando *nós* abrimos as portas e permitimos que a glória magnificente de Deus se manifeste e transforme a segunda milha em milha milagrosa!

Famílias fortes e ativas não precisam, realmente, de bons mestres familiares, não é verdade? Especialmente as famílias de bispos, presidentes de estaca e outros líderes do sacerdócio.

Eu pensava assim. Logo após casar-me, fui chamado como mestre familiar de quatro famílias. O pai de uma delas era ativo mas não convertido, espiritualmente. O jovem marido, de outra família, não era membro, nem queria freqüentar as reuniões com sua esposa, que era membro. O terceiro casal era inativo — mesmo com o marido já tendo sido membro de uma presidência de estaca e a esposa tendo servido como presiden-

te da Primária da estaca. A quarta família, que chamaremos de Silva, era feliz e ativa na igreja: o pai era membro do sumo conselho; a mãe, presidente da Sociedade de Socorro da ala.

Considerando nossas designações, meu companheiro e eu decidimos que deveríamos concentrar-nos nas três famílias que, obviamente, precisavam de incentivo e integração. A família Silva, concluímos, ficaria muito bem com uma visitinha social por mês.

Após nossa primeira visita a cada uma das famílias, e após orarmos a respeito de como sermos mestres familiares eficientes, começamos, entretanto, a compreender que toda

Toda Família Precisa de Um Grande Mestre Familiar

John D. Whetten



família precisa — e merece — um grande mestre familiar, e que a família Silva precisava de tanta atenção, consideração e amor, como as demais.

Durante o primeiro ano, tentamos estabelecer um bom relacionamento com a família Silva. Devotando parte das visitas mensais diretamente aos três filhos, tomamos pleno conhecimento de seu progresso na Primária, Escotismo, Sacerdócio Aarônico e na escola. Quando o garoto recebeu seu certificado de mérito como Escoteiro da Pátria, fui convidado para ser o orador na corte de honra.

Algumas vezes saíamos para tomar sorvete em sua companhia. Nas festividades da ala, procurávamos entreter-nos com toda a família.

A amizade funcionou bem, de ambos os lados. Por exemplo, quando nasceu nosso primeiro filho, ninguém ficou mais feliz que a família Silva. De fato, a Irmã Silva fez até uma festinha para minha esposa.

Certo dia, o Irmão Silva telefonou-

me para informar que seria operado dentro em breve; o médico encontrou um tumor. Ajudei a dar-lhe uma bênção.

A cirurgia teve bom êxito — o câncer foi removido. Sentimos que nosso papel seria de dar incentivo aos demais familiares durante a recuperação do pai.

Um ano depois apareceu outro tumor. E novamente, a família precisou de alento e apoio e, novamente, o câncer foi removido.

Todavia, muitos meses depois, os médicos encontraram outro tumor. Sentimos, muitas vezes, o poder confortador do Espírito, quando bênçãos foram pronunciadas em favor do Irmão Silva. Como mestres familiares, falamos muitas vezes, com a família, a respeito da importância de se combinar a fé com submissão à vontade do Senhor.

Ao descobrirem esse último tumor, ele já se alastrara tanto que não era possível operá-lo. Todos ficamos desolados — ainda assim, tí-



nhamos esperança de que o Irmão Silva vivesse.

Sempre dava uma paradinha, a caminho de casa, para fazer-lhe uma visita. Ele sofria dores atrozes — e os medicamentos já não aliviavam seu sofrimento — então, pedia-me uma bênção. Essas experiências tornaram-se parte importante de minha vida. A cada dia eu procurava viver de modo a receber inspiração para dar alento a meu amigo enfermo.

Certo sábado de manhã, enquanto minha esposa e eu saíamos de casa para fazer compras, disse-lhe: — Sinto que devemos ir ver como o Irmão Silva passou a noite. — Já o havíamos visitado na noite anterior, e tudo parecia bem.

— Tudo bem, — disse ela. — Se você acha que devemos ir, vamos.

Encontramo-lo de cama — do mesmo modo que na noite anterior: a doença não havia feito progressos na última semana. Não consegui entender por que tivera a sensação de que deveria visitá-lo naquela manhã. Assim, decidi que deveríamos com-

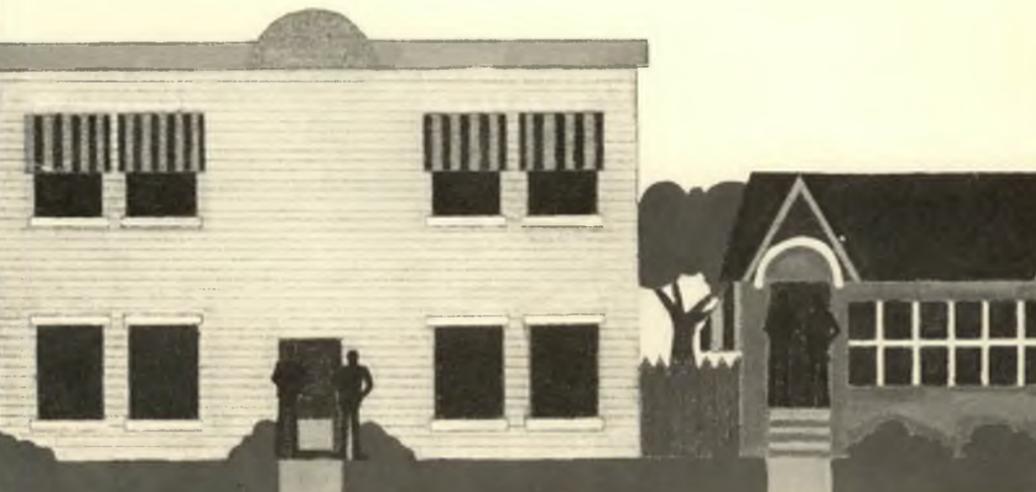
partilhar algumas experiências edificantes com a família. As crianças sentaram-se à beira da cama e ouviram, e o Espírito do Senhor ali estava, em rica abundância. Repentinamente, enquanto falávamos, o Irmão Silva faleceu, nos braços da esposa.

Minha esposa levou os filhos para outro quarto, e passou algum tempo conversando com eles e respondendo perguntas. Explicou-lhes que o pai seria uma fonte de força durante toda a vida deles, e que um dia, por causa da expiação e ressurreição do Salvador, todos poderiam reunir-se a ele.

Eu auxiliiei chamando o médico, o bispo e a empresa funerária. Durante o resto do dia cuidamos de algumas outras coisas para a Irmã Silva.

O funeral foi na segunda-feira pela manhã. Enquanto o bispo tomava algumas providências, a Irmã Silva informou que o marido planejava o funeral pormenorizadamente, e que eu, seu mestre familiar, deveria dar uma mensagem espiritual.

Senti-me atônito. O Irmão Silva era



Íntimo de muitos líderes da estaca e oficiais gerais da Igreja, mas, mesmo assim, pedia-me que falasse em seu funeral. E o programa impresso deveria apresentar-me como seu mestre familiar.

Terminadas as exéquias, fizemos tudo ao nosso alcance para ajudar a família a se reajustar. Conseguimos um contador da ala a fim de ajudar a família a estabelecer um orçamento e colocar as finanças em ordem outra vez. Solicitamos a outro membro da ala, um carpinteiro muito prestativo, que nos ajudasse a inspecionar a casa e determinar o que precisava ser feito em termos de conservação, a fim de manter o valor venal. Os quóruns do sacerdócio da ala vieram, e fizeram o trabalho necessário para restaurar a construção e instalações da casa.

Ajudamos a Irmã Silva a arranjar um emprego. E tentamos manter-nos o mais próximos possível de seus filhos.

Acaso negligenciamos as outras famílias às quais fomos designados, durante todo esse período? Não, e obtivemos algum sucesso com elas, também.

A família cujo pai não estava espiritualmente convertido manteve-se ativa na Igreja. Os laços de amor e afeição que uniam os membros da família ajudaram-nos a compreender e aceitar os pontos de vista discordantes, sem se alienarem uns dos outros.

Providenciamos que o jovem marido não-membro da outra família falasse a respeito de sua profissão co-

mo policial, nos serões dos jovens e atividades da Mutual. Ele ficou muito entusiasmado com a idéia de fazer os jovens sentirem-se bem a respeito da polícia. Certa vez levou sua motocicleta à Mutual e explicou seu funcionamento aos rapazes. Quando este casal se mudou da ala, após um ano, o marido já tinha uma opinião muito melhor a respeito da Igreja de que na época em que se casou.

O terceiro casal, segundo soube-mos, afastara-se da Igreja porque não se sentia parte integrante da ala. Convencemo-los de que éramos seus amigos e estávamos, de fato, interessados. Ajudamos a esposa a compreender que a Igreja precisava de seus talentos especiais para ensinar as crianças. Ela começou a frequentar as reuniões e logo aceitou um chamado para ser professora da Primária. Quando encarregaram minha esposa de fazer doces para a festa de Natal da ala, pedimos ao casal que fizesse os doces, e então o convidamos para a festa. Quando posteriormente se mudaram para outra ala, continuaram ativos na Igreja.

Nada fizemos de espetacular — nada fizemos que alguém não pudesse fazer. Mas, recordando essas primeiras experiências como mestre familiar, sinto outra vez o aumento de testemunho obtido a respeito da importância desse trabalho, do grande amor que o mestre familiar pode sentir para com outras pessoas, e da alegria resultante do serviço prestado. E estou muito feliz por haver aprendido que todos — mesmo os ativos — merecem um bom mestre familiar.



1. O Elder Bringham falando na reunião de testemunho, após o primeiro batismo, em dezessete de dezembro de 1977. 64 pessoas compareceram à reunião e 34 prestaram testemunho. 2. Onze rapazes, os primeiros batizados em Chulac. 3. A primeira presidência do grupo em Chulac: Rodolfo Choc, Presidente Miguel Choc e Reginaldo Choc, secretário. 4. Os primeiros vinte adultos batizados em Chulac, mais os filhos, que elevaram o total de membros para trinta e sete.

Aventura Missionária na GUATEMALA

Lynn Tilton e Cordell Andersen

A camioneta com tração nas quatro rodas seguia morosamente pela estradinha tortuosa pela encosta da montanha para Chulac, uma fazenda situada na área do Vale Polochic, em meio às montanhas do planalto central da Guatemala. A chuva caía repentinamente das densas nuvens escuras, batendo fortemente no pára-brisa, enquanto a camioneta se aproximava da sede da fazenda de oitenta e cinco quilômetros quadrados, transformada em cooperativa.

Cordell Andersen era o motorista, e também o presidente do Distrito de Guatemala Coban. A seu lado, viajavam dois missionários, os élderes Bringham, da Califórnia (EUA), e Rios-Lazo, da Costa Rica. Ambos pregavam aos índios *kekchi*. Sob a capota, na carroçaria, viajavam a filha mais velha do Presidente Andersen, Julie, de 17 anos e suas amigas de escola de Provo (Utah, EUA), Leslie Ann Knight e Ann Gardner. O quarto ocupante da carroçaria era Gustavo Ramirez, um converso à Igreja, de setenta e três anos de idade. O Irmão



5

5. Reginaldo Choc e seu filho a caminho da Igreja. O Irmão Choc foi membro da primeira presidência do grupo, um dos primeiros a ser ordenado élder; serve, atualmente, como presidente da Escola Dominical. 6. O Presidente Andersen, no alto, aparafusando os painéis do forro nas vigas centrais, na parte mais alta da capela, onde seria construído o segundo andar.

Gustavo, índio *kekchi*, era dentista itinerante.

O expediente de trabalho na sexta-feira chegava ao fim quando conseguiram chegar ao grande pátio da sede e procuraram abrigo da chuva forte. Vários trabalhadores, protegendo a cabeça com pedaços de plástico, atravessaram o pátio correndo, a fim de receber os visitantes. Levaram o Presidente Andersen e os dois missionários até o escritório da fazenda, onde foram providenciados alojamento e comida.

Nesse meio tempo, o Irmão Gustavo, que ficara sob uma coberta junto à loja da cooperativa, dizia a vários trabalhadores que iria extrair qualquer dente inficionado. E também

falou do Livro de Mórmon, informando que haveria uma reunião, à noite, para todos os interessados.

Quando os alojamentos estavam preparados, a chuva parou. Dois trabalhadores trouxeram uma caixa e a colocaram de pé, para o Irmão Gustavo. O dentista itinerante tomou de sua pasta e dispôs seus instrumentos sobre a capota do motor, enquanto o primeiro paciente se assentava no caixote. Apanhou o vidro de novocaína e encheu uma seringa.

Extraído o dente, os visitantes descarregaram um gerador portátil e um projetor de diapositivos, que levaram com o fio de extensão e uma lâmpada sobressalente para o armazém, onde se realizaria a reunião, mais tarde. Depois, em companhia do Presidente Andersen, visitaram várias famílias da redondeza.

Cento e setenta e cinco pessoas compareceram à reunião, naquela noite. Um dos líderes da cooperativa, que também era líder leigo em sua própria Igreja, lamentou não haver maior freqüência. “É pena que vocês não podem ficar até amanhã à noite”, disse ele. “Haveria muito mais gente”.

Antes da reunião, o Presidente Andersen ligou o gerador. À luz de uma única lâmpada, Julie, Leslie, Ann e outros visitantes cantaram o hino de abertura.

O Irmão Gustavo orou em dialeto indígena, e o Presidente Andersen, em espanhol, falou a respeito da origem do Livro de Mórmon, tendo o Irmão Gustavo como intérprete. O Élder Bringhurst fez, então, um discurso, em *kekchi*, aos cento e setenta e cinco que compareceram. E, para

finalizar, o Élder Rios-Lazo cantou, em *kekchi*, "Sou um Filho de Deus" (*Cante Comigo*, B-76).

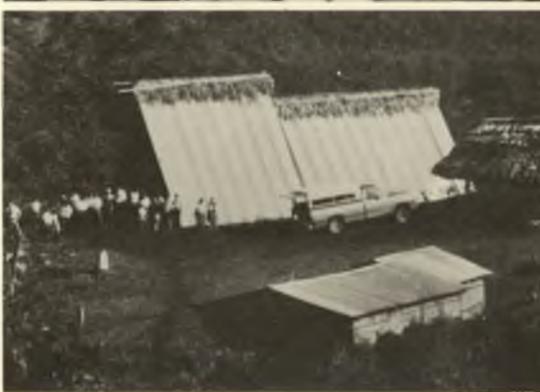
Terminada a reunião, poucos se levantaram para ir embora. A maioria reuniu-se em pequenos grupos. Os que falavam somente *kekchi* conversaram com o Élder Bringhurst e o Irmão Ramirez. Os que compreendiam espanhol falaram com o Élder Rios-Lazo e o Presidente Andersen, fazendo muitas perguntas.

Esta era a segunda visita à Fazenda Chulac, atendendo convite da junta de diretores.

A coisa parece que realmente começou quando o Élder Oscar Delgado, designado para trabalhar em San Cristobal, em abril de 1977, ensinou trinta pesquisadores na Fazenda Valparaíso, perto de San Cristobal, por indicação de seu élder supervisor. Enquanto esteve lá, ele e seu companheiro descobriram um melhor método de despertar o interesse dos índios maias pelo Livro de Mórmon — apresentá-lo como o lendário registro perdido de seus ancestrais.

Pouco depois, os élderes conheceram os seis índios, diretores da Cooperativa Chulac, os quais haviam vindo a San Cristobal (uma viagem de cinco horas) a fim de visitar o gerente da fazenda, nomeado pelo governo. O gerente era, também, o locador dos missionários, em San Cristobal.

Impressionados com esses seis índios adultos, os missionários os convidaram para uma palestra. Todos aceitaram o Livro de Mórmon como o livro de seus ancestrais e a religião de seus pais; e todos voltaram a Chulac com um exemplar.



7. A presidência do Ramo de Chulac: Rafael Maaz, secretário; Jorge Choc, primeiro conselheiro; Alfredo Choc, presidente; Sebastian Choc, segundo conselheiro. 8. Após cinco dias de construção, o edifício, ainda inacabado, já estava em condições de uso. O primeiro de uma série de edifícios com cobertura de sapé destinados a salas de aula pode ser visto semi-acabado, à direita.

Como esses seis eram, também, líderes leigos da igreja local, usaram o Livro de Mórmon no próximo culto dominical. E convidaram os missionários a visitarem a fazenda.

O Presidente Andersen, os élderes Delgado e Bringhurst, e um intérprete índio, Miguel Chub, jovem converso de Valparaíso e líder do grupo da

Igreja na aldeia de Tanchi, fizeram a primeira viagem missionária a Chulac.

A viagem de cinco horas até essa área remota, na camioneta de tração nas quatro rodas foi mais longa que o esperado, e eles chegaram ao destino após o anoitecer, sem que ninguém, de fato, soubesse que viriam. Não obstante, a palavra foi pregada às famílias circunvizinhas, e um grupo de sessenta compareceu à reunião. A receptividade foi muito boa, e foram convidados a voltar o mais breve possível.

Na segunda visita, já mencionada, quando 175 compareceram, Miguel Choc, falando pelo grupo, explicou: “Gostamos e cremos no que temos ouvido, e queremos que vocês voltem para continuar a nos ensinar sobre nossos ancestrais, sua religião e como viver melhor.”

A terceira visita ocorreu duas semanas depois. Providências foram tomadas antecipadamente, para que se realizasse uma aula sobre o Livro de Mórmon para os adultos, no sábado à tarde. Havia muitos doentes que precisavam ser visitados, e o grupo chegou bem antes do início da aula. Cento e cinquenta pessoas compareceram à aula vespertina, com o primeiro banco ocupado pelos seis líderes, cada um com o Livro de Mórmon na mão. Naquela noite, trezentos assistiram a um filme especial.

O Presidente Andersen relatou, mais tarde, que o dia seguinte, domingo, foi inolvidável, dizendo:

“Tudo começou com alguém pedindo uma bênção especial para uma

das irmãs índias que ajudara a preparar nosso desjejum. Então Jorge Choc, presidente da cooperativa e catequista chefe, chegou para preparar comigo a agenda da reunião que se realizaria na Igreja Católica. Ele disse que sabia que algumas coisas que faziam não estavam de acordo com a religião restaurada de seus ancestrais. Concordamos que ele e seus companheiros ocupariam metade do tempo dirigindo a reunião, como de costume, e que o restante ficaria a nosso cargo.

“A capela lotou, com quase quatrocentos índios. Cada um dos seis líderes ocupou o tempo, pregando, e depois chegou nossa vez. O Irmão Gustavo, nosso companheiro de viagem de setenta e três anos de idade, Miguel Max, o primeiro *pokomchi* convertido à Igreja em Valparaíso, e o Élder Bringham foram os oradores. Encerramos cantando “Sou um Filho de Deus” (*Cante Comigo*. B-76).

“Os líderes *chulac*, muito entusiasmados, nos levaram até um belo lugar que haviam escolhido para construir a ‘Capela Mórmon’”.

Os missionários de tempo integral visitaram Chulac tanto quanto lhes foi possível, nos fins de semana, durante os próximos meses. Então, em dezembro de 1977, batizaram-se os primeiros trinta e sete membros — sete casais, além de jovens e crianças.

O progresso não foi muito fácil. Logo após a organização, o grupo foi proibido de usar o edifício habitual para as reuniões, e tiveram que se reunir ao ar livre. Quando fazia mau



9. Missionários e membros trabalham lado a lado nivelando o terreno da capela e cavando valas para os alicerces. 10. Uma carga de madeira pré-cortada foi trazida de Valparaíso para a montagem dos bancos. 11. A capela, embora ainda não terminada, pôde ser utilizada como local de reunião e sede para o rápido crescimento e desenvolvimento da Igreja em Chulac.

tempo, reuniam-se na casa dos membros, em sistema de rodízio. E, devido às poucas visitas dos missionários, o proselitismo dependia principalmente dos esforços dos jovens. Os primeiros conversos lançaram-se ao trabalho de ensinar outros, e dentro de poucas semanas, mais quatro fa-

mílias (onze conversos) foram batizadas. No mesmo fim de semana, todos os membros do sexo masculino acima de doze anos que não possuíam ainda o sacerdócio foram ordenados, somando dezesseis o total de portadores do sacerdócio. Dois deles foram designados missionários de distrito, e, no mesmo dia, as presidências do grupo e da Escola Dominical foram organizadas.

Em uma dessas reuniões, pouco tempo depois, dezenove bebês e crianças foram abençoados. Havia vinte alistadas para a bênção, mas uma faleceu durante a semana, devido à desidratação e subnutrição. O Presidente Andersen relatou: "O índice de 50% de mortalidade infantil entre crianças índias abaixo de seis anos é como uma serpente que nos ameaça constantemente. Ficamos tão ocupados, entrevistando pessoas para o batismo, coletando certidões de nascimento, abençoando as crianças e organizando o grupo, que negligenciamos o cuidado das necessidades temporais dos novos membros."

Planejaram-se imediatamente aulas nas quais os membros novos aprenderiam princípios de bem-estar, seguidas de projetos apropriados, para garantir a aplicação dos conceitos salvadores de vida que seriam ensinados.

Quatro missionários dos serviços de bem-estar do distrito (os primeiros a serem chamados na Guatemala), ajudavam nas visitas em fins de semana. Eram a Irmã Judith Ovalle, de Coban, de dezenove anos, que ajudava as irmãs da Sociedade de Socorro; Christina Andersen, do Ramo

de Valparaíso, que cuidava da Primária; Miguel Chub, de vinte e um anos, já mencionado, perito em agricultura, e que servia como intérprete; e o Irmão Diego Canto, com treinamento especial em odontologia e medicina, e que ajudava nos projetos de construção. O Irmão Gustavo Ramirez também ajudava quando podia.

Uma das prioridades foi construir uma capela. O presidente da missão autorizou a construção de um projeto simples. O gerente do governo autorizou a construção no terreno da fazenda. Foram despachados dois caminhões lotados de materiais, um fornecido pela Escola de Agronomia da Fundação para o Desenvolvimento do Índio, da qual Cordell Andersen era o diretor, e outro pela Cidade de Guatemala. Uma equipe de jovens construtores de Valparaíso acompanhou os materiais, a fim de ajudar os membros de Chulac na construção. Após cinco dias de trabalho duro, realizou-se a primeira reunião no edifício semi-acabado. O acabamento da obra prosseguiu gradativamente, à

medida que o tempo e os fundos permitiam.

O desenvolvimento temporal e espiritual dos novos santos dos últimos dias de Chulac estabeleceu um exemplo para o povo, no que tange a melhoria e embelezamento das casas. E também quanto à saúde da população. "Há muito mais a ser feito", disse o Presidente Andersen, "mas já tivemos um bom começo."

Desde esse bom começo em 1978, Chulac continuou a crescer, provavelmente mais rápido que qualquer outro ramo na história da Guatemala. E o que é mais interessante, numa área rural isolada, que há bem pouco tempo atrás era considerada por muitos como tendo pouco ou nenhum potencial para o crescimento da Igreja. Um dos momentos especiais históricos durante o primeiro ano de Chulac foi a conferência realizada no dia 24 de setembro, presidida pela presidência da missão. Havia 208 pessoas presentes, mas ninguém esperava o que ia acontecer depois. Após a oração de encerramento,

12. Os primeiros missionários distritais designados em Chulac: Elder Rafael Maaz e Elder Jorge Choc. Acrescentam um pouco de humor ao seu chamado com óculos escuros e gravatas que tomaram emprestados dos missionários de tempo integral.

13. Interior da capela visto do segundo andar. 14. A capela lotou em uma conferência recente. 15. Algumas das irmãs divertem-se, batendo instantâneos.

12



quando todos levantaram a cabeça e começaram a deixar a capela, chegou outro grande grupo de índios. Os membros haviam convidado seus amigos das congregações protestantes existentes, três ao todo. E todos vieram, duzentos e cinqüenta e dois! Todos retornaram à capela, e rapidamente se organizou uma segunda sessão. Além dos que dirigiram a reunião, representantes de cada grupo participaram com algum comentário. O total dos que compareceram à conferência foi, então, de 460.

Em abril de 1979 também, outro evento significativo teve lugar, quando o grupo foi organizado como ramo independente da Igreja. O Irmão Alfredo Choc foi chamado para presidir o ramo, que já contava cento e trinta membros, incluindo cinqüenta portadores do sacerdócio, quatorze dos quais élderes.

O progresso da obra do Senhor em Chulac estimulou o envio dos primeiros missionários de tempo integral para essa área da Guatemala

(o Vale Polochic), onde existem agora dez missionários em cinco locais diferentes, e isso parece ser apenas o princípio. Outras áreas estimuladas por esse sucesso incluem: (1) uma série de doze ou mais visitas por mês e apresentações feitas às grandes congregações índias rurais protestantes no país, com frequência de 600 a 800 participantes; (2) outras reuniões com grandes congregações de índios da área rural, resultando em pedidos de bênçãos para crianças doentes; (3) distribuição de Livros de Mórmon aos que sabiam ler. Existe muito mais a ser feito.

O Élder Oscar Delgado jamais poderia imaginar os resultados de sua reunião casual com os índios diretores da Cooperativa, naquele dia, no início de julho de 1977. Nem poderia compreender quão inspirada foi sua abordagem, utilizando um método que abriu o caminho não somente para o proselitismo, mas também para uma das melhores aplicações vistas até hoje dos Serviços de Bem-Estar.



14

15

Minha família mudou-se para a Arábia Saudita quando eu tinha dezesseis anos e meu irmão mais novo, Scott, quatorze. Uma vez que não havia escolas inglesas para alunos de 14 a 18 anos, Scott e eu freqüentamos uma escola do tipo internato

no vizinho sultanato de Bahrein, onde éramos os únicos mórmons no alojamento. Embora fôssemos os únicos freqüentadores regulares de reuniões da igreja, e não fumássemos, bebêssemos ou colocássemos retratos de garotas nos armários, a maioria das pessoas não suspeitavam que éramos



A AULA DE HISTÓRIA

Wes Stephenson

mórmons. E isso me pareceu bom; se me perguntassem a religião, responderia; se não, melhor. Quem gosta de ser ridicularizado? Não escondia minha candeia debaixo do alqueire, mas também não colocava sobre o monte.

Veio o segundo ano — e uma situação totalmente diferente. Começou quando Scott foi designado a apresentar um relato sobre Brigham Young na aula de história americana. Ajudei-o a coletar informações sobre a perseguição dos santos, a marcha rumo ao Oeste, o desenvolvimento do Vale do Lago Salgado, as realizações do Presidente Young, e como afetam o mundo atual. Embora fazendo questão de que Scott se saísse bem, estava preocupado que os demais se rissem de nossas “crenças exóticas”.

Não vi meu irmão após a aula nem durante o resto do dia na escola, e não lhe pude perguntar como se saíra. Mas, terminadas as aulas, um grupo se aproximou de mim no refeitório — o mesmo grupo que farreava nos fins de semana, e fugia dos dormitórios à noite.

— Olá, Wes. Com que então você é mórmon, não é?

“Ai, ai, vai começar”, pensei. Já sabia que me pediriam que cantasse hinos do Coro do Tabernáculo para eles. Respondi: — Sim, é verdade.

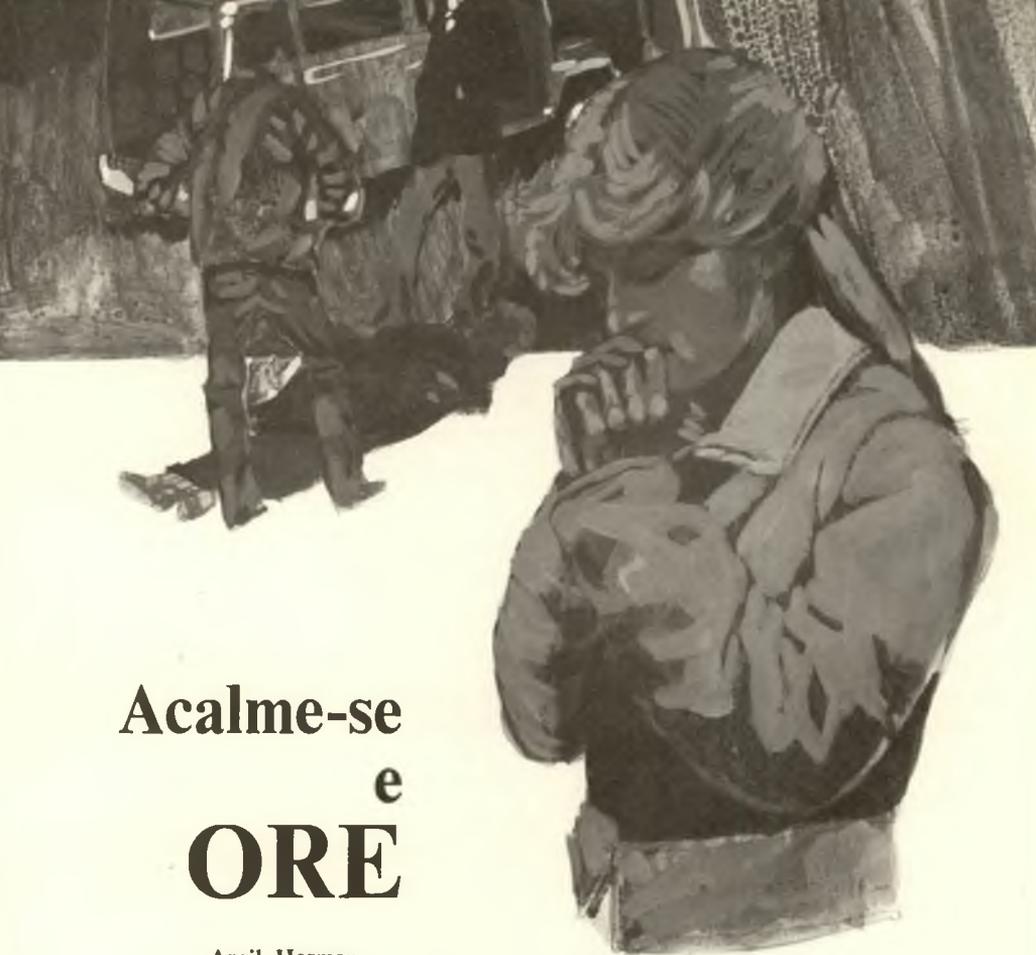
Eles replicaram com: — Legal! — Então me disseram que gostariam

de ter algo em que acreditar, e ficaram pensando em como eu podia ser tão reservado e obediente e ainda me dar bem com todos. Ao escutar seus comentários, minha surpresa aumentou; jamais esperaria tal reação!

Dali em diante, meu irmão e eu falamos repetidas vezes sobre a Igreja. Os amigos nos procuravam. Os professores começaram a ler o *Livro de Mórmon e Uma Obra Maravilhosa e um Assombro*. Alguns de meus amigos começaram a freqüentar a Igreja comigo. Meu melhor amigo deixou de ser ateu para prestar testemunho na Igreja. Embora ninguém fosse batizado na ocasião, eu sei que muitos se converteram.

Desde que me formei, e de todas as aulas que tive e das coisas que vi enquanto morei em Bahrein, essa foi a maior lição que aprendi. Vim a saber quão verdadeira é a afirmação de que as pessoas do mundo procuram a alegria que o evangelho proporciona. Não basta apenas não ocultar a candeia sob o alqueire, mas, como cada membro é um missionário, temos por dever colocá-la sobre o monte, para que todos vejam a luz. (V. Mateus 5:14-15.)

Nota do Editor: Após formar-se no colégio de Bahrein, Wes partiu em missão de tempo integral na Missão África do Sul Johannesburg.



Acalme-se e ORE

April Horman

É uma longa viagem de Magrath, Província de Alberta, no Canadá, até Calgary, e a chuvarada que caía na estrada não tornava a jornada mais curta. Quase todos nós estávamos cansados, por isso nos reclinamos nos assentos e colchões de nosso furgão, enquanto mamãe e Vovó Briggs iam conversando no banco da frente. Lembro-me de pensar que estávamos em meio a uma verdadeira tromba d'água, e então adormeci.

Quando recobrei a consciência, doía-me o corpo todo. Não é de ad-

mirar. O impacto de uma trombada violenta lançara-me num pequeno espaço perto da porta lateral. Minhas pernas estavam laceradas e sangrando; minha respiração era convulsiva. Eu parecia estar só, exceto pelo fato de que podia ver vovó deitada em meio à ferragem, e escutava gemidos. Logo, alguns estranhos me tiraram daquele aperto, e me aproximei de vovó, que sussurrou: "Tudo ficará bem."

Briggs, meu irmão de 13 anos, fora lançado para fora, pela porta de trás do furgão. Disse que quando me

achou eu estava histérica. Sacudiu-me pelo braço para me ajudar a recobrar o controle, mandando que parasse de gritar e orasse. Acalmei-me. E orei. Ele voltou à rodovia e parou um carro, mesmo com seu braço e a clavícula quebrados e um profundo corte na cabeça.

Evidentemente minha mãe perdeu o controle da direção quando o furgão patinou na pista, devido ao excesso de água. Atravessáramos a estrada, descemos uma encosta, e continuamos até que as rodas bateram num aqueduto e capotamos. Caímos num charco e capotamos mais vezes, indo parar junto a uma estrada de terra que levava a uma fazenda. Mamãe estava muito ferida, com o tórax imprensado pelo volante e a cabeça cheia de cortes; estava presa às ferragens e não podia ser retirada sem ajuda.

Foi difícil não entrar em pânico. Estávamos longe de casa, em férias, e embora estivéssemos a caminho da nova casa de titia, não conhecíamos ninguém nas redondezas (descobrimos depois, que estávamos perto de Vulcan, uma cidadezinha a 56 quilômetros de Calgary). E onde caímos não era um local visível da estrada. Mas as palavras de meu irmão ficaram-me na cabeça — eu deveria acalmar-me e orar. Sempre que me sentia transtornada e com medo, orava e me acalmava outra vez.

Havia duas garotas no carro que Briggs parou. Elas, por sua vez, pararam um carro dotado de faixa do cidadão, e, em dois minutos e meio havia uma ambulância no cenário. Tivéramos sorte. Havia um pronto-socorro em Vulcan, onde pudemos ser atendidos rapidamente.

Havia somente um telefone para uso dos pacientes. Minha mãe pediu que a conduzissem até ele, na

cadeira de rodas. Chamou meu pai em Lago Salgado; depois meu tio em Calgary, o qual veio imediatamente. Ao chegar, a primeira coisa que mamãe lhe pediu é que encontrasse os élderes. Dirigindo-se ao balcão de informações para perguntar, foi abordado por dois senhores entre cinquenta e sessenta anos de idade.

— Alguém aqui precisa de élderes da Igreja Mórmon? — perguntaram. — Sim! — disse ele, e os levou a nossos quartos. Ambos disseram que viajavam pela estrada e, vendo placas de Utah no furgão acidentado, sentiram-se inspirados a verificar no hospital. Disseram que eram sumos sacerdotes. Antes de partir, abençoaram meu irmão, meu primo, minha mãe e eu. Não soubemos seus nomes, nem de onde vieram, mas mais tarde enviamos uma carta ao editor do jornal local, num esforço para agradecer-lhes.

No hospital soubemos que Vovô Briggs falecera no local do acidente. Mas suas palavras de conforto ajudaram-me a compreender que ela estava preparada para reunir-se a vovô no mundo espiritual e que ela sentia paz em seu coração ao passar para o outro lado.

Aprendi, também, outra importante lição. É que o Senhor ouve e responde orações, e que pode dirigir portadores dignos do sacerdócio a locais onde são necessários. Embora todos sofressem ferimentos graves, nos recuperamos. E as bênçãos do sacerdócio na hora de necessidade foram de grande conforto para nós. Sempre serei grata àqueles dois homens que despenderam seu tempo para obedecer à inspiração do Espírito, que os conduziu até ao hospital. E sempre serei grata pela paz que adveio a meu coração quando orei, assegurando-me que tudo estaria bem.

Preparação Familiar

É preciso mais do que armazenamento para um ano

Como o armazenamento temporal, emocional e espiritual ajudou nossa família em tempos difíceis

A preparação familiar significa muito mais do que armazenamento de alimentos e roupas. Também inclui estar preparados emocional e espiritualmente.

Quando meu marido Sherm estava para ser desobrigado como presidente da (antiga) Missão Brasil Central, senti a necessidade de pedir ajuda para arrumar uma casa nos Estados Unidos. Eu estava esperando um nenê — e tínhamos quatro outras crianças.

Minha mãe encontrou uma casa que poderia interessar-nos, mas devido à demora com os alvarás de trabalho não voltamos na data prevista. Com o tempo, minha mãe telefonou e disse que o proprietário da casa não podia esperar indefinidamente. Nós oramos, sentimo-nos bem a respeito do assunto e telefonei para ela dizendo: “Compre-a.”

Cerca de trinta dias antes de precisarmos do dinheiro para a entrada, uma de nossas três propriedades foi vendida e conseguimos o dinheiro necessário. Outra propriedade foi vendida assim que chegamos aos Estados Unidos, dando-nos renda suficiente para viver enquanto Sherm começava a advogar. Ambas as propriedades estavam à venda havia mais de três anos! E a terceira propriedade foi vendida justamente quando precisávamos de dinheiro para viver. Coincidência? Não acho que seja!

Depois tivemos necessidade premente de começar nosso armazenamento de alimentos, pagar a casa e fazer um seguro. Quando saíamos à noite, o que fazíamos semanalmente havia dezenove anos, nos perguntávamos por que nos estávamos apressando para arrumar essas coisas; não estávamos acostumados a dar ênfase a coisas materiais e financeiras. Mas nenhum de nós podia negar a pressa que tínhamos e nos sentíamos bem a respeito do que estávamos fazendo.

Em agosto de 1977, sentimos que a pressa não era mais necessária. Estávamos prontos para o que o Senhor tivesse em

mente para nós. Sentíamos paz sobre o que havíamos feito. Nosso armazenamento estava atualizado, a casa paga e tínhamos seguro.

Três semanas depois, numa reunião de liderança da estaca, disse a meu marido: “Sherman, você está doente.” Já tínhamos conversado sobre a dor de garganta e uma dor esquisita no peito dele. Até então ele corria três quilômetros toda manhã e cinco quilômetros no sábado. Não tinha perdido um dia de trabalho.

Quando naquela noite o levamos ao médico para uma consulta, tiraram dois litros de líquido da cavidade torácica. Pensamos que fosse pneumonia, mas o médico nos deu o diagnóstico: uma forte possibilidade de câncer incurável.

Foi difícil manter os olhos enxutos quando paramos para o tradicional piquenique depois da conferência de estaca naquele dia. Ao olhar para nossos oito filhos (cinco com menos de sete anos), esperávamos que uma provação dessas não fosse bem o que o Senhor reservava para nós. Mais exames e cirurgia posteriores confirmaram o diagnóstico.

Naquelas primeiras semanas decidimos viver normalmente — o mais normal possível — ser gratos pelo tempo que tínhamos juntos, usá-lo da melhor maneira possível e construir recordações especiais. O seguro para incapacidade física possibilitou-nos uma viagem ao Parque Yellowstone na época do Natal e férias na Disneylândia quando as aulas terminaram. A força de Sherm estava limitada — ele só podia ficar cerca de uma hora com a família e logo tinha que voltar ao motel para descansar. Enquanto nadávamos no mar, Sherm ficava deitado na praia e sorria olhando para nós.

Com o passar do verão, cada criança recebeu uma bênção do pai. Terminamos sua história pessoal que estávamos elaborando. Cada duas semanas víamos os raios-X. Não precisávamos mais do radiologista para lê-los. Em setembro estávamos na fase pior.

Bênçãos? Foram numerosas naquele ano. A alegria que senti ao ver meus filhos servirem a seu pai foi incomensurável. Não me lembro de uma criança re-

clamando mesmo quando a tarefa levava horas. Sentimos uma paz no lar que sabíamos ser do Senhor. Mesmo um desafiante problema na coluna que eu tinha, simplesmente desapareceu. Não gostávamos do que estava acontecendo, mas sabíamos que estava de acordo com o plano eterno do Senhor. O que nos espantou foi que o Senhor nos guiou de modo a ficarmos preparados temporariamente e depois apoiou-nos emocionalmente.

No dia do incêndio (10 de novembro de 1978), o Senhor exagerou ao abençoar-nos. Eu tinha ido fazer compras. Só meu marido e a empregada estavam em casa. Encontrei a casa em chamas, mas fiquei aliviada ao ver meu marido fora de perigo assim como a empregada, e saber que a família estava fora.

Nunca vi tanta generosidade nas pessoas como naquele dia. Várias famílias nos convidaram para morar com elas. Outros se prontificaram a sair de suas casa e deixar-nos morar nelas enquanto precisássemos.

Nós ficamos com os Eubanks aquela noite. No dia seguinte, enquanto o bispo reunia algumas pessoas para me ajudarem a fazer uma relação das coisas em minha casa, outros limpavam e juntavam as coisas de que precisaríamos para mudar para outra casa, a uma quadra de distância. Oh, o Senhor mostra um caminho para as coisas! Nunca me esquecerei da alegria que tive ao entrarmos naquela casa. Havia camas (com um nome em cada uma), lençóis, toalhas, utensílios de cozinha e comida. Meu marido disse: “Que bênção foi este incêndio — ter esta oportunidade especial de sentir o amor dos membros de nossa ala.”

E o que encontramos nas cinzas? A genealogia, no meio do incêndio. Estava queimada nas pontas, molhada e congelada, num grande bloco de gelo — mas legível depois de minha mãe a ter cuidadosamente descongelado e secado as folhas. E achei nossos livros de recordação. O que mais poderíamos pedir? Apesar de a sala de jantar ter caído sobre o porão e de a cozinha ter queimado, um armário continuou intato — o que continha os slides de nossa família. Coincidência? Não acho que seja!

Na sexta-feira, às onze horas da noite, tendo trabalhado o dia todo comigo, verificando as referências de empreiteiros que reconstruísssem a casa depois de ter

ouvido três crianças mais velhas, depois de ter assinado a última carta que ele tinha planejado mandar para seus clientes, Sherm me disse que não veria o dia seguinte. Já me dissera isso antes, no mesmo dia, mas não acreditei ou não pude acreditar.

Conversamos. Ele falou com dificuldade. Eu vi que ele estava certo. Silenciosamente deixou aquele corpo às nove horas da manhã seguinte — com seus quatro desejos realizados: (1) morrer em casa, (2) que eu estivesse perto, (3) morrer enquanto dormisse e (4) que ele pudesse “trabalhar” até o fim.

Abençoado? Sim, verdadeiramente abençoado — pois estava espiritualmente preparado. Tinha o amor da família e da esposa e tudo de maior valor neste mundo — um casamento eterno, um testemunho da veracidade do evangelho e uma vida de serviço.

Ao entrar na casa em que moramos agora, paro e olho ao redor. Há o sofá dos Niensens, o abajur dos Memmotts, a mesa com abajur dos Jenkins, a cadeira dos Murphys. Muitos cobertores têm o nome dos Gibsons neles. Os talheres são dos Ashbys, o jogo de latas dos Jorgansons, as cadeiras dos Johnsons e assim por diante. Tudo o que temos agora pertence a alguém. É uma experiência singular, humilhante de certo modo, mas uma das mais especiais que jamais teremos. Sentimo-nos tão amados como uma família. E temos muito que retribuir no que se refere ao amor e serviço aos outros. O Senhor quer que crescamos com nossos novos desafios. Ele não os deu para nos despedaçar, mas para ajudar-nos a crescer. No esquema eterno das coisas, sei que sairemos muito mais fortes. Somos tão gratos por tudo que temos. Sou também grata pelo tempo que Sherm e eu tivemos juntos, para preparar-nos e a nossa família, para as coisas que estavam por vir. Sou grata pela urgência que sentimos em nos preparar temporalmente; a paz que se seguiu proporcionou a preparação emocional que foi tão necessária nos meses seguintes.

Como família, continuamos a nos esforçar para estar espiritualmente preparados; temos um forte desejo de estar juntos como uma família eterna.

JòAnn Hibbert, viúva do ex-presidente da antiga Missão Brasil Central, e mãe de oito filhos residente em Bountiful, Utah.

